A redenção do passado pela escrita: a dialética entre tradição e modernidade na construção da identidade em *Terra Sonâmbula*

The redemption of the past through writing: the dialectic between tradition and modernity in the construction of identity in *Terra Sonâmbula*

JOÃO OLINTO TRINDADE JUNIOR
Faculdade Unyleya

Resumo: O presente artigo propõe um exame detido da obra Terra Sonâmbula, do escritor moçambicano Mia Couto, com o intuito de perscrutar a potência da arte literária em capturar modulações de alento e bem-aventurança em contextos de crise. O objetivo central é analisar como as concepções de felicidade e identidade se manifestam na ficção africana contemporânea, considerando o cenário de pós-conflito e as antinomias da modernidade. A metodologia consiste em uma análise literária de caráter bibliográfico e qualitativo, fundamentada no arcabouço teórico de Walter Benjamin sobre a redenção histórica e nas reflexões de Kwame Anthony Appiah e Ronaldo Lima Lins sobre cultura e felicidade. Os resultados indicam que a prosa de Couto opera uma reutopização do cenário moçambicano ao fundir tradição e modernidade. Conclui-se que a escrita, representada pelos cadernos na diegese, atua como um instrumento de resgate da memória ancestral, permitindo que o sujeito supere a inércia da guerra e reconstrua sua identidade por meio de um senso de coletividade e esperança.

Palavras-chave: Felicidade. Modernidade. Angústia. Passado. Escrita.

Abstract: This article proposes a careful examination of the work Terra Sonâmbula by the Mozambican writer Mia Couto, aiming to scrutinize the power of literary art to capture modulations of solace and well-being in contexts of crisis. The main objective is to analyze how conceptions of happiness and identity manifest in contemporary African fiction, considering the post-conflict scenario and the antinomies of modernity. The methodological approach consists of a qualitative and bibliographic literary analysis, grounded in Walter Benjamin's theoretical framework on historical redemption and the reflections of Kwame Anthony Appiah and Ronaldo Lima Lins regarding culture and happiness. The results indicate that Couto's prose operates a re-utopization of the Mozambican landscape by merging tradition and modernity. It is concluded that writing, represented by the notebooks within the diegesis, acts as an instrument for reclaiming ancestral memory, allowing the subject to overcome the inertia of war and reconstruct their identity through a sense of collectivity and hope.

Keywords: Happiness. Modernity. Anguish. Past. Writing.

TRINDADE JUNIOR, João Olinto. A redenção do passado pela escrita: a dialética entre tradição e modernidade na construção da identidade em *Terra Sonâmbula*. *Educação Sem Distância*, Rio de Janeiro, v.5, n.2, dez. 2025. ISSN digital 2675-9993.

1 INTRODUÇÃO

O panorama narrativo da África contemporânea se estabelece em um campo de forças, no qual a memória ancestral e os vetores da vida moderna convergem. Segundo a perspicácia do escritor moçambicano Mia Couto, essa amálgama não é um conflito, mas sim uma realidade definida como uma modernidade mesclada por diversas tradições. Essa visão desmantela a imposição de um modelo de desenvolvimento único, de matriz eurocêntrica, e afirma a vitalidade de uma identidade cultural africana que é, por essência, plural e resiliente. Esse posicionamento constitui uma resposta contra-hegemônica fundamental face à pressão global que tenta homogeneizar culturas e impor um único padrão civilizatório.

É neste cenário de fragilidade pós-conflito e de urgência por um novo significado para a nação que o romance Terra Sonâmbula ganha relevância. A obra oferece um painel da dura realidade de Moçambique, um país dilacerado pela violência, ao narrar a trajetória de personagens que enfrentam as antinomias da modernidade e a profunda angústia existencial dela decorrente. Diante disso, o presente estudo propõe um exame minucioso do romance, analisando a capacidade intrínseca da arte literária de, em meio à desolação e ao caos, isolar e dar forma aos sinais sutis de otimismo, júbilo e plenitude.

A prosa de Mia Couto, ao costurar passado e presente, lança luz sobre a fragilidade da busca individualista por bem-estar, uma característica proeminente da vida moderna. A investigação central deste artigo é: como as concepções de felicidade se manifestam em uma ficção africana, considerando que a promessa de um destino melhor frequentemente se traduziu em dor, guerra e luto? O romance, ao empreender uma jornada simbólica de resgate e ao lutar contra a amnésia histórica, sugere que a reconstrução social passa necessariamente pela reafirmação da memória e da sabedoria tradicional. O autor demonstra que a imaginação poética e a reconfiguração utópica do ambiente podem ser chaves para a instauração de um tempo mais humano. A obra, assim, torna-se um prisma das contradições e das aspirações deste tempo, onde a felicidade só é alcançável por meio de um senso de coletividade e uma identidade firmada na aceitação da sua natureza composta.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA/ REFERENCIAL TEÓRICO

Ainda que seja uma noção relativamente recente, datada da Revolução Francesa (Lins, 1993), o conceito de felicidade perpassa, desde a aurora dos tempos, o empenho —

que se mostra falho ou bem-sucedido — do ser humano em moldar sua própria trajetória. Ela, porventura, manifesta-se onde menos se prospecta, no instante em que a procura é menos intensa. Não é fortuito que, quanto maiores são os esforços investidos na sua busca, mais amplos são os desdobramentos de "infortúnio, a guerra, a morte" (Lins, 1993, p. 35) alcançados. À medida que a existência humana se torna mais complexa, fragmentada e individualista, a felicidade — e o anseio por ela — converte-se em uma questão de foro estritamente pessoal.

Diante dos quadros de dor e violência, resultantes da sua perseguição, emerge o questionamento crucial: onde se localizam ou como podem ser vislumbradas essas representações de plenitude na literatura africana de expressão portuguesa?

Kwame Anthony Appiah (1997) postula que os escritores africanos contemporâneos direcionam o foco para o "nós", dedicando-se à evolução de sua cultura. Ele enfatiza que uma perspectiva endógena, que considere as tensões, as contradições e os legados históricos, constitui um pilar para a apreensão dessas imagens. Neste contexto, o aclamado escritor moçambicano Mia Couto reforça essa necessidade de autoexame:

> entre o convite ao esquecimento da Europa e o sonho de ser americano a saída só pode ser vista como um passo para a frente. Os intelectuais africanos não têm que se envergonhar da sua apetência para a mestiçagem. Eles não necessitam de corresponder à imagem que os mitos europeus fizeram deles. Não carecem de artifícios nem de fetiches para serem africanos. Eles são africanos assim mesmo como são, urbanos de alma mista e mesclada, porque África tem direito pleno à modernidade, tem direito a assumir as mestiçagens que ela própria iniciou e que a tornam mais diversa e, por isso, mais rica. (Couto, apud Fonseca; Cury, 2008, p. 14-15)

Este arcabouço cultural é transmutado em uma tessitura ficcional pelo autor, que compreende e incorpora as múltiplas facetas daquilo que ele denomina a sua cultura. Este elemento, de natureza contra-hegemônica, funciona como uma estratégia de resistência frente a uma pressão globalizante e uniformizadora que intenta impor um único padrão de civilização e modernidade. Assim, a prosa africana firma-se como um baluarte para a preservação desses valores intrínsecos, mas os reelabora segundo os seus próprios paradigmas, visando à edificação de imagens de esperança que ressoem com a realidade de sua terra.

3 ANÁLISE DA OBRA E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Na sua produção literária, Mia Couto personifica esse princípio. Seus protagonistas, por exemplo, vagueiam por uma existência cindida entre o abismo da crise e a luminosidade

da esperança, um panorama onde a busca pela felicidade é posta em xeque justamente nos momentos de maior turbulência social. Em uma nação lacerada por conflitos bélicos sucessivos, torna-se imperativo o resgate e a resignificação do passado como via para solidificar o presente e vislumbrar o futuro. Nesse processo, o indivíduo é compelido a reavivar ou a redescobrir os elementos que lhe conferem alento.

A obra Terra Sonâmbula, lançada em 1992 (Couto, 1992), atua como um retrato pungente de um período histórico particular: a guerra civil moçambicana, que irrompeu logo após a independência de Portugal e opôs os grupos Frelimo — de matriz leninista-marxista — e Renamo — de orientação capitalista (Campos, 2009, p. 12). A denúncia desse processo bélico, orquestrada pelo autor no romance, nos remete de imediato à reflexão proposta por Ronaldo Lima Lins em Nossa amiga Feroz: Breve História da Felicidade na Expressão Contemporânea (Lins, 1993). Lins aborda as atrocidades perpetradas em nome de um ideal de felicidade ou de um estado de "bem-estar social" prometido para o benefício coletivo. O romance de Couto, então, dialoga com essa perspectiva, questionando os custos de tal utopia.

> Note-se que, enquanto se lograva manter o mundo parado e se pretendia ser este "o melhor dos mundos"(...) nunca se eliminou realmente a aspiração pela mudança. Junto com a incapacidade de se garantir aqui uma situação de justiça, de paz, sonhava-se com a felicidade e especulava-se quanto aos meios de atingi-la. É cabível observar que as projeções utópicas se desenvolveram e se multiplicaram (o que não aparece improvável) na medida em que os conflitos transbordaram de seus limites ou aumentaram a pressão por solução. (Lins, 1993, p. 25)

Dessa maneira, este estudo propõe uma análise aprofundada da obra Terra Sonâmbula (Couto, 1992), com o propósito de examinar a capacidade da arte literária em captar as nuances de alento, júbilo e bem-estar.

A leitura desta narrativa expõe como a independência, fruto da guerra colonial, introduziu um ímpeto de transformação, mas não conseguiu mascarar a urgência da edificação de um presente mais humanizado. A obra aponta para a recuperação da tradição como um vetor de esperança para a subversão dos valores sociais, após o prolongado e traumático período de conflito. Mia Couto, portanto, propõe o resgate do pretérito como um gesto contra-hegemônico e emancipatório, transpondo essa transição para o presente em uma sociedade que ainda necessita se refundar para conservar seus traços identitários mais basilares. Desse modo, o autor critica e denuncia os malefícios de uma modernidade de

matriz ocidental que desrespeita as complexidades culturais da identidade moçambicana, aqui empregada como metonímia do continente africano.

3.1 O Custo da Modernidade Unívoca: Campos de Reeducação e a Crítica ao Projeto Nacional

O escritor, que em sua vasta produção ficcional aborda o período que antecede e sucede as guerras, frequentemente focaliza como o projeto de instauração de uma sociedade africana "moderna" redundou, entre outras barbáries, na criação de espaços segregados para onde cidadãos eram deslocados. O intuito era forçá-los a se conformarem aos padrões da nova ordem, habilitando-os, assim, a contribuir — ou não — para a consolidação da nação emergente. Em A Varanda do Frangipani (Couto, 2007), por exemplo, os anciãos são realocados e negligenciados em um asilo. Já em O Último Voo do Flamingo (Couto, 2005), Ana Deusqueira, uma meretriz de Tizangara, foi enviada a um dos campos de reeducação com a finalidade de aprender a "se comportar" em uma sociedade dita civilizada (Couto, 2007, p. 124).

O plano nacional abraçado pela Frelimo fundava-se em um ideal de nação que desconsiderava as especificidades de cada cultura, ignorando os imperativos essenciais para a adaptação e convivência dos diferentes grupos. Ao contrário do paradigma leninista-marxista então vigente, no qual o Estado é o principal responsável pela provisão das necessidades do seu povo, o conceito de bem-estar desses mesmos povos estava intrinsecamente ligado à noção de comunidade. Nesses contextos, o bem-estar do grupo de convivência e o cultivo da cultura representavam o seu horizonte de felicidade. A título de ilustração sobre como um fator externo pode desestabilizar uma cultura ao não compreender sua lógica interna, a explosão dos soldados da ONU em O Último Voo do Flamingo (Couto, 2005) estava relacionada às ações do administrador Estêvão Jonas. Este, um "estrangeiro que vem de dentro" em sua própria pátria, concebeu um esquema de corrupção envolvendo minas (Couto, 2005, p. 196), que atraiu indivíduos externos, igualmente alheios à dinâmica cultural dos moradores de Tizangara. Este desconforto provocado na população local foi o que, no plano ficcional, estaria associado aos eventos explosivos.

3.2 A Inércia da Crise e a Angústia da Imobilidade

Em meio às metamorfoses que marcaram esse período, o autor nos narra a trajetória de Tuahir e Muidinga, um idoso e um jovem. Após deixarem um campo de refugiados — Muidinga havia sido encontrado por Tuahir entre cadáveres —, eles vagam por um

Moçambique devastado pela guerra civil. Evitando as vias principais para escapar dos grupos armados que ali circulavam, precisavam, por vezes, simular a própria morte (Couto, 2002, p. 3) para subsistir. Em determinado ponto, deparam-se com um ônibus incendiado e o adotam como abrigo. Após sepultarem os corpos encontrados nas proximidades do veículo, notam um último cadáver que portava uma maleta. Dentro dela, jaziam cadernos escolares repletos de anotações que ficariam conhecidos como os "cadernos de Kindzu" (Couto, 2002, p. 4). A leitura desses manuscritos por Muidinga bifurca a narrativa em duas histórias paralelas: a jornada da dupla e o percurso de Kindzu. O garoto, determinado a não prolongar a estadia, tenta deixar o local. No entanto, a cada tentativa de partida, ambos retornam ao ônibus, como se estivessem presos em um ciclo de voltas intermináveis. Temos, portanto, duas tramas centrais: a peregrinação de um ancião e de um adolescente pelo espaço moçambicano em ruínas, em plena guerra civil, e o percurso existencial de um guerrilheiro, cujos escritos autobiográficos nos são revelados progressivamente ao longo da diegese.

Muidinga, o garoto afetado por uma singular amnésia em relação ao seu passado, empenha-se em sua busca pela identidade perdida, acompanhando seu mentor, que o auxilia a reaver parte de sua memória. À medida que o jovem decifra os "símbolos" nos cadernos de Kindzu, as paisagens circundantes se transformam, embora apenas ele consiga perceber tais alterações. Sua permanência naquele sítio é incessantemente marcada pelo conflito de vontades: a de Tuahir, que anseia pela segurança proporcionada pelo ônibus — e pela estrada isolada — como refúgio noturno, enquanto busca alimento durante o dia, e a persistência do jovem em abandonar aquela "estrada morta" que não conduzia a lugar algum, por não vislumbrar futuro na permanência. Em suas interpelações, ele protestava veementemente sobre a continuidade da estadia e sua relevância para o prosseguimento da jornada:

> Naquele lugar, a guerra tinha morto a estrada. Pelos caminhos só as hienas se arrastavam, focinhando entre cinzas e poeiras. A paisagem se mestiçara de tristezas nunca vistas, em cores que se pegavam à boca. Eram cores sujas, tão sujas que tinham perdido toda a leveza, esquecidas da ousadia de levantar asas pelo azul. Aqui, o céu se tornara impossível. E os viventes se acostumaram ao chão, em resignada aprendizagem da morte. (Couto, 2002, p.3)

A inclinação ao perpétuo — concebido como um ciclo que persiste enquanto o dilema subjacente não é cabalmente resolvido — se evidencia na narrativa ao apresentar uma via que invariavelmente conduz ao ponto de origem. Aprisionados pela inércia de um cotidiano que revela ao ser humano a impotência para alterar o universo em que coexiste,

os personagens se convertem em reféns da própria realidade. Eles se percebem enredados em um mundo do qual não conseguem evadir, movidos também por outras forças que têm interesse em sua permanência no local: Tuahir havia abandonado a esperança de avançar e preferia a estabilidade proporcionada pelo ônibus.

Dessa forma, o impasse da estrada permanece irresgatável, visto que a descrença do idoso em um futuro mais promissor para além daquele sítio fazia com que ambos, mesmo após percorrerem diversas vilas, invariavelmente regressassem ao ponto inicial. Para Muidinga, a recuperação do pretérito — tanto de suas memórias individuais quanto do que a figura de Tuahir simboliza em uma cultura de transmissão oral — afigura-se como um requisito fundamental para a projeção de seu porvir. Este momento de desalento, longe de ser singular, é partilhado na obra também pelo ancião Siqueleto, que sintetiza essa desesperança:

> - Sou velho, já assisti muita desgraça. Mas igual como essa nunca eu vi. E abana a cabeça, pesaroso.
> - Estás triste, velho?, pergunta-lhe Tuahir.
> - Já não fico triste, só cansado.
> Era por causa do cansaço que ele não abria os dois olhos de uma só vez. O idoso homem tinha, apesar de tudo, seus pensamentos futuros. Para ele só havia uma maneira de ganhar aquela guerra: era ficar vivo, teimando no mesmo lugar. Não desejava nenhuma felicidade, nem sequer se deliciar com doces lembranças. Lhe bastava sobreviver, restar como um guarda daquela aldeia em ruínas. Agora ele amaldiçoa os que tinham saído dali.(Couto, 2002, p. 37-38)

3.3 A Escrita como Redenção

A felicidade é colocada em xeque justamente nos momentos de maior vivência da crise. O tema se conecta com as aflições existenciais e psicológicas de um indivíduo que se sente impotente diante das pressões de um mundo em acelerada modernização. Essa modalidade narrativa, desde então, tornou-se um receptáculo para as inquietações humanas geradas pela sensação de desamparo perante as mais diversas formas de opressão.

O anseio por um presente mais digno e humano, que se harmonize com os preceitos de uma sociedade animista, manifesta-se sob o signo da angústia em ambos os personagens: seja a de Tuahir — que prefere não se afastar do ônibus e de sua falsa segurança —, seja a de Muidinga, que não enxerga futuro na permanência naquele veículo. Para o jovem, assim como a felicidade se definia por uma sensação de carência, a resolução de sua busca não se daria naquele local de estagnação. Embora o ancião o assista ao lhe transmitir o legado da tradição, carecia da capacidade de vislumbrar um porvir. O garoto, por sua vez, compreendia que a articulação entre o passado e o futuro, a fusão entre a tradição e a modernidade,

necessária para a construção de um presente conforme os moldes de sua cultura, não se concretizaria em uma "terra morta" frequentada por hienas, mas sim em um tempo e espaço transcendentes.

Essa percepção ressoa com o pensamento de Walter Benjamin (1987), que ao refletir sobre a história e a redenção, sugere que a imagem da felicidade está indissociavelmente ligada à redenção (Benjamin, 1994, p. 222-223). A felicidade, para o filósofo, exige um rompimento com o continuum da história e a realização de um tempo saturado de "agoras" (Benjamin, 1994), que só pode ser concretizado fora de uma mera progressão linear, em um gesto de rememoração crítica que liberta o passado para o futuro. O cerne da questão para Muidinga reside, portanto, na recusa em aceitar a inércia, na convicção de que a verdadeira felicidade reside na possibilidade histórica de redenção, que reside fora daquele espaço sufocante:

> A felicidade capaz de suscitar nossa inveja está toda, inteira, no ar que já respiramos, nos homens com os quais poderíamos ter conversado, nas mulheres que poderíamos ter possuído. Em outras palavras, a imagem da felicidade está indissoluvelmente ligada à da salvação. O mesmo ocorre com a imagem do passado, que a história transforma em coisa sua. O passado traz consigo um índice misterioso, que o impele à redenção. Pois não somos tocados por um sopro do ar que foi respirado antes? Não existem, nas vozes que escutamos, ecos de vozes que emudeceram? [...] Se assim é, existe um encontro secreto, marcado entre as gerações precedentes e a nossa. Alguém na terra está à nossa espera. (Benjamin, 1987, p. 223)

Persistindo em sua jornada, "divididos entre dois mundos, o da cruel realidade e o da poesia contida nos cadernos de Kindzu" (Secco, 2000, p. 275), o jovem prossegue reaprendendo os trilhos do sonho e da paz em meio a tanta barbárie. No seu projeto de construção ficcional, o autor deliberadamente mantém a ambiguidade quanto à peregrinação de Muidinga e Tuahir: se conseguirão, de fato, alcançar um destino distinto daquela mesma estrada e qual a relação — direta ou indireta — disso com a concretização de suas aspirações. Assim, a questão do retorno incessante a um lugar desolado permanece em aberto na narrativa.

Dessa forma, é pertinente resgatar a reflexão de Walter Benjamin (1987) que postula: "a imagem da felicidade está indissoluvelmente ligada à da salvação [...] existe um encontro secreto, marcado entre as gerações precedentes e a nossa. Alguém na terra está à nossa espera" (Benjamin, 1987, p. 223). Se a experiência do cotidiano possui uma força corrosiva na formação do indivíduo, e o modo de estar-no-mundo se apresenta como uma vivência sem resolução — um mundo às avessas devido às guerras que dissolveram

fronteiras, desalojaram comunidades e obliteraram saberes ancestrais —, os personagens engenham maneiras próprias de escapar a essa condição. Eles o fazem resgatando esse conhecimento esquecido que se corporifica para além da morte e da destruição. Em uma cultura de tradição oral, onde o ancião é o responsável por transmitir o conhecimento às gerações subsequentes, é o mais jovem que agora inverte esse fluxo. Utilizando um suporte distinto — a escrita, representada pelos cadernos —, ele veicula o saber para o mais-velho.

Muidinga, à medida que recita os cadernos de Kindzu em voz alta para Tuahir, toma conhecimento da viagem daquele jovem guerrilheiro pelas terras moçambicanas, em sua busca por se tornar um Naparama — "guerreiros tradicionais, abençoados pelos feiticeiros, que lutavam contra os fazedores da guerra" (Couto, 2002, p. 26). Nesse processo, o jovem leitor vai materializando as mudanças nas paisagens, a ponto de, em certos momentos, não serem mais eles a caminhar, mas sim a estrada que os impulsiona para os mais diversos recantos:

> À volta do machimbombo Muidinga quase já não reconhece nada. A paisagem prossegue suas infatigáveis mudanças. Será que a terra, ela sozinha, deambula em errâncias? De uma coisa Muidinga está certo: não é o arruinado autocarro que se desloca. Outra certeza ele tem: nem sempre a estrada se movimenta. Apenas de cada vez que ele lê os cadernos de Kindzu. No dia seguinte à leitura, seus olhos desembocam em outras visões.
> - Lhe vou confessar miúdo. Eu sei que é verdade: não somos nós que estamos a andar. É a estrada(...) É miúdo, estamos a viajar. Nesse machimbombo parado nós não paramos de viajar. Me faz lembrar quando andava no comboio."
> Tuahir mira e admira. Há dias que não se arredam do machimbombo. No entanto, a paisagem em volta vai negando a aparente imobilidade da estrada. Agora, por exemplo, se desenrola à sua frente um imenso pantanal. O mar se escutava vizinho, a mostrar que aquelas águas lhe pertenciam. (Couto, 2002, p. 105)

À medida que Muidinga se aprofunda na leitura dos cadernos e a estrada, magicamente, o conduz por panoramas renovados, ele trilha o caminho para a recuperação de sua memória e do seu passado. Começa a vislumbrar a felicidade a partir de suas próprias recordações, sendo essas imagens de bem-aventurança que lhe oferecem o conforto na existência que ele se propôs a buscar. Diferente de Tuahir, que, após ser contaminado pela "doença da terra" e perder a capacidade de sonhar, enfrenta a dificuldade de projetar o futuro, o jovem persiste em sua leitura, resgatando a ancestralidade e reescrevendo sua trajetória em um processo de formação identitária.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na sua arte narrativa, Mia Couto — tal como em outras obras — opta por não fechar a história, mantendo-a no ciclo incessante do narrar e do recontar. É por intermédio dessas

narrativas que os personagens corporificam a busca pela felicidade como um modo de ser, resistindo, assim, às angústias, ao desespero, às inquietações e às inconsistências da sociedade contemporânea. A leitura dos cadernos de Kindzu, empreendida por Muidinga, promove uma reutopização do cenário moçambicano, resgatando a tradição da contação de histórias. Nesse novo arranjo, o mais novo reverte o papel tradicionalmente atribuído ao mais velho, reensinando a Tuahir a capacidade de sonhar e o desejo de buscar um amanhã mais promissor.

Ao encontrar os cadernos que balizam sua busca, indaga-se se tal evento se deve ao mero acaso ou, conforme a cosmovisão animista, à continuidade de um ciclo vital para a consolidação de um bem-estar social que beneficie autenticamente um grupo cultural. Seja qual for a interpretação, esse ciclo remete à ideia de uma nova fusão entre o ser humano e seu meio, em uma jornada rumo à plenitude. Essa visão é simbolizada pelo olhar da criança que tudo percebe e se recusa a aceitar — contrastando com a postura de Tuahir, que, embora busque ensinar o caminho, se mostra menos engajado na procura por um amanhã. O jovem não aceita a prisão imposta por uma modernidade complexa que despoja o indivíduo de suas esperanças.

O motor dessa jornada, esse percurso que visa a alcançar aquilo que realiza o ser humano — a felicidade —, manifesta-se para todos, mas permanece inatingível, pois "sobrevoa os nossos projetos sem descer ao cotidiano das coisas, marcado pela ausência, pela carência, pela solidão" (Lins, 1993, p. 43). Ela deve ser procurada e encontrada, mas é uma busca de caráter singular e com desfechos distintos para cada um: Kindzu ambiciona ser um guerreiro de renome; Muidinga almeja reaver seu passado como fundação para seu presente; e Tuahir necessita recuperar a esperança para restabelecer a crença na viabilidade de um ideal de felicidade individual. Conforme a perspicácia de Maria Fernando Afonso, "as personagens de Mia Couto parecem seres extraordinários que deambulam nos limites da vida, num espaço onde o sonho se confunde com a realidade" (Afonso, 2004, p. 374). São esses personagens que, em seu tempo e espaço, contribuem para a formação de um território onde é possível vislumbrar esses lampejos de esperança. É por meio desse ciclo iniciático que permeia a narrativa que os protagonistas partem em busca de seus vislumbres de felicidade, forjados à maneira africana, através do resgate e da valorização de diversas tradições moçambicanas.

REFERÊNCIAS

AFONSO, MARIA FERNANDA. **O Conto Moçambicano: escritas pós-coloniais**. Lisboa: Editorial Caminho, 2004.

APPIAH, K. Anthony. **Na casa de meu pai: A África na filosofia da cultura.** Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

BENJAMIM, W. **Magia e técnica, arte e cultura: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 3.ed. Tradução Sergio Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987. (Obras Escolhidas,1).

CAMPOS, Josilene Silva. **As Representações Da Guerra Civil e a Construção Da Nação Moçambicana Nos Romances De Mia Couto (1992 – 2000)**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás, em 2009.

COUTO, Mia. **A Varanda do Frangipani**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. **O Último voo do Flamingo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. **Terra Sonâmbula**. São Paulo, Companhia das Letras, 2002.

FONSECA, M.N. S. et CURY, M.Z.F. **Mia Couto: espaços ficcionais**. Belo horizonte: autêntica, 2008

LINS, Ronaldo Lima. **Nossa amiga feroz**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1993.

SECCO, Carmem Lucia Tindó Ribeiro. **"Mia Couto e a 'incurável doença de sonhar'"** In: Sepúlveda, Maria do Carmo; SALGADO, Maria Teresa. (orgs.) Rio de Janeiro: Yendis, 2000.